

Tenório de Albuquerque: um brasileiro no Terceiro Reich (1936-1937)

Tenório de Albuquerque: a Brazilian in the Third Reich (1936-1937)

MARCELO ALVES DE PAULA LIMA

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil

marceloapl@yahoo.com.br

| Abstract: This paper aims at analyzing the ideas of Arcy Tenório de Albuquerque, an ideologue and militant of the Brazilian Integralist Action, a fascist-inspired political party founded in 1932. Our sources were two books written by the author: one in 1936 and the other in 1937. Such books, pervaded by anti-Semitism and nationalism, contain the author's impressions of his trip to Nazi Germany in 1936, as well as his opinions on Hitler, Nazism and Jews. The author states that his experience in Germany made him join the integralist movement when he went back to Brazil. Tenório regarded the Third Reich as a symbol of peace, progress and prosperity, claiming that Brazil needed something like Nazism.

Keywords: Arcy Tenório de Albuquerque; Integralism; Anti-Semitism; National-socialism; Fascism.

| Resumo: Este artigo analisa as ideias de Arcy Tenório de Albuquerque, ideólogo e militante da Ação Integralista Brasileira, agremiação de inspiração fascista fundada em 1932. Usamos como fontes dois livros escritos pelo autor: um de 1936 e outro de 1937. Tais livros, permeados pelo antissemitismo e pelo nacionalismo, trazem as impressões de viagem de Tenório à Alemanha nazista em 1936, bem como suas opiniões sobre Hitler, o nazismo e os judeus. O autor afirma que foi sua experiência na Alemanha que o incentivou a filiar-se ao movimento integralista quando retornou ao Brasil. Tenório via o Terceiro Reich como um símbolo de paz, progresso e prosperidade, defendendo ainda que o Brasil precisava de algo semelhante ao nazismo.

Palavras-chave: Arcy Tenório de Albuquerque; Integralismo; Antissemitismo; Nacional-socialismo; Fascismo.

O propósito deste trabalho é compreender o pensamento de Arcy Tenório de Albuquerque, jornalista e intelectual carioca que cobriu as Olimpíadas na Alemanha nazista em 1936 como correspondente do jornal carioca *O Globo*. Após retornar ao Brasil, Tenório publicou dois livros exaltando a Alemanha nazista: *A Alemanha Grandiosa: Impressões de Viagem ao País do Nazismo* (1936) e *Hitler: sua personalidade através de várias opiniões* (1937). Tais livros nos servirão de fontes e podem ser encontrados na biblioteca do Institut für Zeitgeschichte de Munique.¹

Sua experiência na Alemanha também o inspirou a aderir à Ação Integralista Brasileira (AIB). Fundado em 1932 pelo jornalista paulista Plínio Salgado e dissolvido em 1937 pelo Estado Novo, o integralismo foi um dos mais expressivos movimentos fascistas fora da Europa.

Entendemos o fascismo como uma forma de dominação assentada sobre um partido único de massa hierarquicamente organizado, o culto a um líder, a exaltação da coletividade nacional, o anticomunismo, o antiliberalismo, o corporativismo (cooperação de classes) e a intolerância contra toda forma de oposição (Saccomani 1998). O fascismo mobiliza o Estado para evitar conflitos sociais, além de adotar uma concepção antirracionalista e antiuniversalista de revolução. A luta contra a democracia e o sistema parlamentar completa os traços principais do fascismo (Sznajder 2010, 30).

Nosso trabalho se baseia na compreensão de que o fascismo deve ser estudado sob uma perspectiva globalizante, sem nos restringirmos à Europa. Consequentemente, estudar o fascismo não pode prescindir do estudo dos ideólogos que contribuíram para tornar o fascismo um fenômeno global. Desse modo, “un estudio completo del universo fascista debe incluir necesariamente todo el universo occidental [...] más que limitarse a los casos alemán e italiano”. Trata-se, assim, de um objeto a “ser analizado a partir de la historia transnacional, [...] buscando identificar la formación de redes y contactos que daban un sentido global a luchas regionales o nacionales”. Para tanto, o trabalho dos intelectuais era crucial, dado que eles possuíam “habilidades de pensamiento y lingüísticas para acompañar lo que ocurría más allá de las fronteras, y los contactos necesarios para recibir y enviar material impreso y participar de eventos, conferencias o ceremonias conjuntas en sus países o en el exterior” (Bertonha e Bohoslavsky 2016, 14).

Analisemos, portanto, alguns aspectos da vida de Tenório de Albuquerque.

Tenório foi um valioso colaborador da “Casa do Soldado”, iniciativa da Associação Cristã de Moços para auxiliar os soldados que haviam participado da Revolução de 1930 (*Jornal do Commercio* 1930, 10). Era também um apaixonado por esportes. Foi redator do *Jornal dos Sports* no começo dos anos 1930, cronista esportivo, pu-

¹ Em 2016 analisei algumas obras de Tenório escritas entre 1937 e 1941, mas o espaço não me permitiu trabalhar com as obras aqui analisadas. Ver: Lima, Marcelo Alves de Paula (2016).

gilista e árbitro de pugilismo e futebol (*Jornal do Commercio* 1930, 12). Em 1933, porém, após liderar uma delegação de atletas amadores na Argentina, se desentendeu com a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que julgou-o dotado de “incapacidade definitiva para exercer qualquer cargo, administrativo ou não, nas entidades filiadas, seus clubes ou na confederação” (*Jornal do Commercio* 1933, 6; *Correio da Manhã* 1933, 1).

O endurecimento do regime varguista em 1937, o advento do Estado Novo e a consequente abolição da AIB não impediram que Tenório continuasse publicando. Porém, seu fascínio pela Alemanha nazista despertou a desconfiança do governo depois que o Brasil declarou guerra ao Eixo em agosto de 1942. O autor acabaria preso quando morava em Belo Horizonte por “atividades antibrasileiras”, além de ser acusado de manter contatos com forças do Eixo na Argentina (Araújo 1942). Em fevereiro de 1942, antes de Tenório ser preso, um documento da Delegacia de Ordem Pública denunciava que no mês anterior, na capital mineira, Tenório discutia a guerra no Bar Adolfo com um amigo e familiares do proprietário do bar, “Todos partidários do eixo”. Na ocasião, Tenório mostrou um artigo do *Estado de Minas* e acusou os jornais de estarem “comprados pelos judeus, pois, só publicavam notícias favoráveis aos democráticos” (Silva 1942).

Acreditamos que o Bar Adolfo ao qual o documento se refere seja o Bar Tip Top, fundado em Belo Horizonte em 1929 pelo casal Adolfo e Paula Huven. Adolfo era romeno e Paula era tcheca e sua especialidade era a cozinha alemã. Osias Ribeiro Neves (2009, 67-69) afirma que em 1942 o bar quase foi depredado por manifestantes exaltados depois da declaração de guerra ao Eixo, sendo necessária a intervenção de um garçom e de conhecidos do casal para esclarecer que Adolfo e Paula não eram alemães. Caso o Bar Adolfo e o Tip Top sejam o mesmo, é possível que a multidão tenha atentado contra o estabelecimento não por achar que fosse de alemães, mas devido às suspeitas de simpatia do casal pelo Eixo.

Quanto à acusação de ter contatos na Argentina, é digno de nota que o autor trocou correspondência com militares nacionalistas argentinos: os generais Juan Bautista Molina e Basílio B. Pertiné. (Lima 2016, 182-183). Em 1940, Molina deveria presidir a comitiva de intelectuais e militares argentinos que homenagearia o intelectual uruguaio Luis Alberto de Herrera, que movia ferrenha campanha anti-imperialista contra pretensões americanas a instalar bases no Uruguai (Echeverría e Reali 2016, 68-69)². Sendo assim, na América do Sul de entre guerras, Tenório fazia parte de uma extensa rede de intelectuais, políticos e militares de mentalidade nacionalista e anti-imperialista, que por vezes flertava (quando não se apropriava) com o antisemitismo e o fascismo.

² Mas a comitiva argentina teve certas ausências, o que aponta para a cautela do governo argentino diante da situação. Entre os ausentes estavam o escritor Carlos Ibarguren e o próprio Molina.

A edição de *A Alemanha Grandiosa* à qual tivemos acesso no Institut für Zeitgeschichte foi autografada com dedicatória pelo autor, que a doou ao Instituto Ibero-Americano de Berlim: “Ao Instituto Ibero-Americano de Berlim, oferece o autor. Rio, 9–12–936. A. Tenório d’Albuquerque, Rua Barão de Mesquita 787, Rio de Janeiro”. Posteriormente, a obra seria confiscada pelo exército norte-americano de ocupação, conforme consta de carimbo no livro: “US property”.

Uma das pessoas a quem Tenório dedica a obra é José Bastos Padilha, empresário que defendia a profissionalização do futebol brasileiro. A profissionalização do futebol na Era Vargas resultou “de um processo de popularização de práticas antes fortemente marcadas pelo elitismo” e fazia parte das demandas por mais participação dos trabalhadores na vida política e social (Coutinho 2010, 4). Assim, não é de se admirar que um intelectual nacionalista como Tenório tenha mantido bons contatos com Padilha, para quem a profissionalização do futebol tinha “uma função social que ia além do preparo do corpo”, servindo também como base “da nova brasilidade que se construía tendo como fundamento a valorização do popular” (Coutinho 2010, 5).

O prefácio de *A Alemanha Grandiosa* foi escrito por Gustavo Barroso, um dos principais ideólogos integralistas. Barroso destacou-se pelo seu antissemitismo, que influenciou militantes como o próprio Tenório. Segundo Barroso, a leitura da obra de seu colega “poderá servir para abrir os olhos daqueles que não querem enxergar os perigos judaico-comunistas que ameaçam o mundo e corvejam em volta de nosso pobre Brasil, minado pela politicagem interna e escravizado ao banqueirismo estrangeiro” (Barroso 1936b, s/p).

Quentin Skinner acredita que é preciso investigar o que cada autor teria tido a intenção de comunicar ao escrever para seu público. A linguagem, os conceitos e o discurso são muito menos afirmações sobre o mundo do que armas do debate ideológico (Skinner 2002, 86, 87, 174, 177). É preciso recuperar o autor do discurso em seu ambiente, perante seus interlocutores: “os textos que eles produzem não são apenas meios de dizer seus atos ou posições; os textos são, neles mesmos, atos e posições” (Prost 1996, 317).

Desse modo, Tenório tinha duas intenções com esses livros: alertar contra o perigo comunista e desconstruir a imagem de tirano que a imprensa comumente atribuía a Hitler: “Este meu livro, ademais de ser uma exposição sintética do que é a grandeza da Alemanha de hoje, é um patriótico brado de alerta contra os judeus e os comunistas” (Albuquerque 1936, 207). Em um país historicamente influenciado por leituras francesas, Tenório queria mostrar que o mundo estava mudando. Naquele século xx, era a Alemanha, e não mais a França, o referencial a ser seguido:

Sob a influência do espírito latino, em via de regra, nós brasileiros nos atemos ao estudo do francês (quase todos nós sabemos engrosar meia dúzia de frases no idioma de Voltaire, tartamudeando-as) e relegamos para plano secundário, o alemão, cuja acessibilidade se nos apresenta como das mais difíceis (Albuquerque 1936, I).

Ademais:

Quem não viajou pela Europa, considera Paris a cidade mais alegre do Velho Mundo. História antiga... Pode ter sido. Agora, é talvez como certas viúvas que, na mocidade, foram muito divertidas... De quantas cidades visitei, a mais alegre, de movimento noturno mais estonteante, que oferece maiores centros de diversões e em número mais elevado, é Hamburgo (Albuquerque 1936, 16).

Sua viagem à Alemanha não tinha só o intuito de cobrir as Olimpíadas. Ela possuía um significado ideológico: “Passou a ser dominadora, em mim a vontade de ver a Alemanha, de examinar-lhe as diretrizes, de buscar adentrar-me no espírito do povo alemão (...)”. Tenório queria entender se “Adolpho Hitler é um tirano, um opressor, a flagelar um povo ou um dirigente que fez ressurgir a Alemanha, impondo-a ao respeito geral” (Albuquerque 1936, 1).

O autor fala pouco de política nas primeiras páginas. Quando nos atentamos mais para a “maneira como os textos dizem o que dizem” do que para o conteúdo do que é dito (Prost 1996, 312), veremos que este foi um artifício inteligente. Evitando dar ao seu livro um aspecto panfletário logo de cara, o autor fala de amenidades. Como um turista desinteressado, ele rasga elogios à Alemanha e às cidades que visita. Ele envolve seu leitor, fascinando-o com as maravilhas daquele país, até conduzi-lo à inevitável questão: quem foi o responsável por obras tão grandiosas?

A fim de desconstruir a imagem de Hitler como um tirano impiedoso, Tenório descreve o nacional-socialismo como uma aspiração do povo alemão: “A popularidade do nazismo não se irradiou do centro para a massa, ao contrário, foi a massa que impôs a adoção do nazismo, que o conduziu à vitória e lhe assegurou a conservação do poder” (Albuquerque 1936, 33). O Terceiro Reich também é apresentado como uma promessa de paz para a Europa:

Adolpho Hitler é arraigadamente pacifista. Tendo sofrido os horrores da guerra, tendo, inclusive, permanecido cego alguns meses, o Führer é inimigo da guerra. Ele propugna pela imperturbabilidade da paz, pela sua manutenção. Repetidas vezes, de modo iniludível, categórico, sem rebuços, Adolpho Hitler afirmou o seu desejo de paz. A paz, ele a considera imprescindível à Europa, mormente à Alemanha e aduz sobre abundantes argumentos. (...) Com os modernos processos de exterminar vidas humanas, com as aperfeiçoadas aparelhagens para matanças, uma nova guerra assumiria proporções inconcebíveis, nulificaria o progresso da Humanidade neste decênio, reduziria cidades a escombros, aniquilaria povos, disseminaria misérias e daria aso a que prosperasse o maior dos males, o comunismo que, torrencioso, como impetuosa e incontida alude, invadiria o mundo, epilogando a desgraça da guerra (Albuquerque 1936, 49).

O autor atribui sua ignorância inicial sobre Hitler à influência judaica na imprensa brasileira:

São jornais que, conscientemente ou não, fazem a política dos judeus, empenhados em desprestigiar Adolpho Hitler, em incompatibilizar a Alemanha, sobretudo o nazismo, com

o mundo. Mas haverá influência judaica na imprensa brasileira? Não resta a menor dúvida. Aqui, como em todos os países, há jornais que, confessavelmente ou não, sofrem a interferência de elementos judaicos, cujas campanhas veiculam, defendendo-lhes os interesses. Com os processos costumeiros, que os caracterizam, alguns judeus conseguiram infiltrar-se na imprensa brasileira. Alguns com tal habilidade agem, tão sorratamente, que não dão a impressão de que estejam desempenhando-se de uma missão que é a consequência do ódio terrível, tradicional, dos seus contra o restante da Humanidade.

Nomes? Para que citá-los. Há um judeu bastante conhecido em nossa imprensa (Albuquerque 1936, 31-32).

Temos duas hipóteses sobre quem seria esse judeu. Uma delas aponta para Abrão Ribeiro, advogado dos *Diários Associados*, grupo ao qual pertencia o *Diário da Noite*.³ A outra, para o magnata da mídia Assis Chateaubriand. Ruy do Amaral, fundador do núcleo integralista de Olímpia-SP, acusava Chateaubriand “de ligação com o capitalismo judaico internacional, que teria por intermédio dos *Diários Associados* desencadeado uma campanha de difamação do movimento integralista” (Ribeiro 2007, 369).

Logo, o mito do complô judaico é recorrente na obra do autor. Tal mito representava o judeu ora como morador de ambientes sujos e decrepitos, ora como povo próspero e pujante. A frase de Afonso Arinos nos anos 1930 é representativa: “judeu rico é sempre capitalista” e “judeu sem dinheiro é revolucionário” (Franco, citado por Carneiro, 1988, 113). O capitalismo seria apenas um meio para o estabelecimento do comunismo mundial. Assim, o autor atribui os rumores de guerra ao judeu, não ao expansionismo alemão:

Os judeus estão sequiosos por uma nova guerra porque as suas fábricas mercadejariam, à farta, armamentos, aparelhos disseminadores de morte e porque com mais celeridade alcançariam o outro objetivo: a propagação do comunismo, de que eles são os missionários, os pregoeiros (Albuquerque 1936, 49-50).

Graciela Ben-Dror (2007, 214) observa que integralistas e católicos brasileiros dos anos 1930 blindavam seu antisemitismo com o pretexto da luta anticomunista. Isso lhes poupava o incômodo de serem acusados de racismo em um país que havia se fundado sobre a miscigenação racial. Em Tenório não é muito diferente. O autor diz que a luta anticomunista é indissociável da luta antisemita, pois o comunismo seria uma manifestação judaica:

Os estudos meticolosos levaram os alemães racionalmente a concluir que o comunismo é um mal de origem judaica, que os verazes e mais ardentes propulsores do bolchevismo são judeus. Observaram a ascendência dos principais chefes do bolchevismo e reconheceram que todos são hebreus [...]. As tendências naturais dos judeus, os seus característicos raciais são elementos confirmativos, indícios da ligação íntima, indissolúvel, da indissolubilidade

³ O *Diário da Noite* publicou artigos hostis aos integralistas que renderam uma polêmica com Gustavo Barroso (Barroso 1937, 68-69).

entre judaísmo e comunismo, ou melhormente, foi reconhecido ser o bolchevismo uma engendração dos judeus, um meio de implantar a desordem no mundo, de desvitalizar-lhe todas as forças de resistência para, depois, impor-lhe o seu domínio, com que sonham morbidamente há dois milênios (Albuquerque 1936, 77).

O autor reproduz longo discurso sobre o elo entre comunismo e judaísmo, proferido pelo ministro da propaganda nazista Joseph Goebbels, com quem Tenório diz ter conversado pessoalmente. Apesar de parecer “Baixo, magro, bastante emagrecido, raquitizado”, Goebbels era diferente pessoalmente:

Reconhece-se, desde logo, no Dr. Joseph Goebbels, um homem de ação enérgica. Severiza-se-lhe a fisionomia, quando fala. As palavras são proferidas distintamente. É loquaz, mas de uma eloquência conceituosa. As suas frases são contundentes, navalhantes. A sua gesticulação é máscula, não tem a suavidade dos meneios dos apostolizadores (Albuquerque 1936, 79).

Sendo assim, Tenório figura como um exemplo de como o anticomunismo e a simpatia pelos fascismos europeus foram os dois elementos principais para a atração de militantes à AIB (Trindade 1974, 160).

Maria Luiza Tucci Carneiro (2012, 258) observa que nos regimes totalitários é comum que a *metáfora da doença*, muito usada no medievo, reapareça inserida no discurso político. Gustavo Barroso, por exemplo, via o integralismo “como o antibiótico eficaz para curar as infecções causadas pelos invasores externos, como o judaísmo, ou, quem sabe, uma espécie de elixir, aquela confeição farmacêutica de xaropes com alcoolatos, que teria efeito mágico ou miraculoso” (Ribeiro 2007, 359). De forma análoga, Tenório diz que o nacional-socialismo era um antídoto: “Milhões de alemães enlouquecidos pela insânia comunista, reumanizaram-se, abjuraram as suas novas tendências destrutivas, em consequência dos discursos do Dr. Goebbels, do seu poder de persuasão” (Albuquerque 1936, 80). Ademais:

Quando o nazismo se assenhoreou do poder, compreendeu que, antes do mais, era imprescindível sanear a opinião pública [...].

De tal sorte se impôs o trabalho reconstrutivo do nazismo, com tamanha evidência ele expôs as atrocidades e os malefícios do regime imposto na Rússia, que, em milhares e milhares de alemães, desfizeram-se as tendências mórbidas comunistas e eles se tornaram decididos apoiadores de Adolpho Hitler. Curaram-se radicalmente (Albuquerque 1936, 144, 145).

Assim como os “ex-comunistas” alemães, os comunistas brasileiros também deveriam ser medicados: “Se o comunismo é o regime ideal, por que não vão viver na Rússia? Se aceitam suas ideias, por que não começam repartindo o que possuem?” (Albuquerque 1936, 154).

Além de se assenhorearem da política e da economia, os judeus estariam penetrando diversas outras esferas da sociedade, inclusive a cultura.

Publicou-se em 1931, o resultado d'um inquérito sobre os teatros, referindo-se a 234 diretores. 50,4% deles eram judeus; dos diretores de teatros de Berlim, 80% eram judeus, 75% de todos os espetáculos encenados nos anos precedentes à ascensão ao poder do governo nacional, eram obras de autores semíticos.

Também no cinema, a influência dos judeus era decisiva (Albuquerque 1936, 91).

Tenório lembra que “Os alemães têm no cinema, uma das suas diversões prediletas, o que determinou a existência no território germânico, de numerosos e excelentes cinemas”. Graças aos nazistas, a indústria cinematográfica estaria livre da influência judaica:

A indústria cinematográfica, antes do nazismo assumir o Governo, esteve em poder dos judeus. A retirada, da Alemanha, dos hebreus ocasionou uma perturbação na organização da indústria cinematográfica, que, porém, já se refez por completo e, no presente, é puramente ariana, não tem nenhum artista nem capitais judaicos (Albuquerque 1936, 103-104).

Antes mesmo de Tenório, o integralista Oswaldo Gouvêa denunciou em sua obra *Os Judeus do Cinema* (1935) as maquinações para difundir valores anticristãos por meio de filmes: “luxo, ideia desnacionalizadora, adultério, roubo, crime. Tudo isso seria a base do cinema norte-americano, dominado pelo judaísmo dissolvente, desagregador do lar, da pátria e da família” (Vieira 2012, 88).

Quando nos perguntamos como Tenório pode ter se entusiasmado com um discurso que não o contemplava, precisamos nos lembrar que no Brasil do entre guerras, “o debate sobre a constituição biológica do homem brasileiro ganhou espaço, colocando em pauta o conceito de degeneração racial”, de maneira que intelectuais e cientistas “tentaram pensar numa identidade para o Brasil que simbolizasse a fusão entre o nacional, o cultural e o racial”, passando pela proibição dos imigrantes “indesejáveis”: negros, orientais e judeus (Carneiro 2012, 251-252).

Sendo assim, o antissemitismo de Tenório passava pelo aprimoramento racial. Nesse ponto, não diferia do antissemitismo nazista, que era indissociável da doutrina racial (Klemperer 2009, 217, 218). O Brasil, país ainda em formação, deveria assegurar que o seu povo não se degenerasse:

O aprimoramento racial, a eugenia do povo, a formação do tipo étnico, a higidez da população são problemas de indisputável relevância, que exigem atenções especialíssimas de todos os governos cômicos de suas responsabilidades, que forcejam por bem desobrigar-se de suas missões.

A educação deve obedecer a três aspectos: intelectual, física e moral, que é inadmissível distribuírem em estádios distintos, pois que devem coexistir, é imprescindível a sua simultaneidade (Albuquerque 1936, 127).

A educação física teria um papel fundamental nesse quesito. Os nazistas novamente davam o exemplo de como se deveria proceder: “É prodigiosamente forte, a juventude que se está formando na Alemanha. Lá existirá, dentro em breve, um povo robusto,

organismos sábios, homens hígidos, graças à prática dos esportes (Albuquerque 1936, 128). O regime nazista teria sido o responsável por estabelecer “a obrigatoriedade da educação física, de que resulta o robustecimento, a sanificação da juventude, dotando-a de organismos aptos à prática dos esportes” (Albuquerque 1936, 131). Não por acaso, a Alemanha triunfara nas Olimpíadas, ultrapassando até os Estados Unidos.

Em flagrante contraste, o Brasil não obteve medalhas: “As mais deplorativas palavras temos de consignar aqui pelo fato consternador do Brasil não haver conquistado sequer uma medalha de bronze. Como prova demonstrativa da pujança de nossa raça, não foi das mais convincentes, nem de molde a encher-nos de júbilo patriótico” (Albuquerque 1936, 130). Conforme assinala Renato Soares Coutinho,

O fracasso das delegações brasileiras na Copa de 1934 e na Olimpíada de 1936 acentuou o problema da profissionalização dos esportes no país, e o ano de 1937 assistiu ao processo de superação das teses amadoras que orientavam a prática desportiva no Brasil desde o início do século xx (Coutinho 2010, 3).

Acreditamos que foi esse empenho na profissionalização dos desportos que colocou Tenório em contato com o já citado José Bastos Padilha. Apontam nesse sentido não só o protagonismo que ambos atribuíam aos esportes em um projeto nacionalista, mas também sua filiação a uma entidade comum: *O Globo*. Enquanto Tenório era correspondente do jornal na Alemanha, Padilha compôs a mesa julgadora do concurso d’*O Globo* intitulado “Pelo Brasil e pelo Flamengo”, que “premiava crianças até quinze anos que escrevessem a melhor frase contendo as palavras Brasil e Flamengo” (Coutinho 2010, 7).

Tenório também não poupa esforços ao elogiar o papel da mulher no regime nazista. As alemãs são descritas como “moças vigorosas, fortíssimas, sadias, capazes de enfrentar e vencer todas as vicissitudes da vida”. Inclina-se mais a “cultivar o seu físico” do que “a trancafiarem-se num quarto, de ar confinado, desventilado, lendo romancinhos amorosos, decorando poesias ou letras de canções, repletas de termos de gírias (Albuquerque 1936, 128-129).

A questão feminina vem novamente à tona ao falar das casas comerciais em Berlim:

Até há alguns anos, certas casas comerciais organizavam concursos de beleza feminina e as primeiras colocadas, como prêmio, eram contratadas.

Adolpho Hitler insurgiu-se contra esse processo de seleção, que dificultava que as feias obtivessem emprego, o que lhe não pareceu justo. Além de lutarem com obstáculos para matrimoniar-se, ainda quase lhe vedavam o acesso nas casas comerciais! A natureza tirava-lhes o melhor de todos os empregos: um marido e ainda as bonitas atravancavam todos os postos! (Albuquerque 1936, 140).

Tenório conheceu uma intérprete paulista (Olívia Florence Zimmermann) em uma das lojas, com quem passou bons momentos. Em uma noite, porém, Olívia “quis ‘deliciar-me’ ainda mais, explicando-me a teoria de Einstein e o desenvolvimento da

fórmula de Euler, ameaçando-me ainda com integrais, diferenciais e outras coisas terríveis”. Espantado, o autor confessa que “uma mulher matemática é tão original quanto um homem fazedor de crochê” (Albuquerque 1936, 141).

Tenório conheceria outra mulher muito culta em sua viagem, mas nesse caso a admiração durou pouco: “Esboroou-se, porém, um dia, toda a minha admiração, quando soube que ela tocava clarinete e resolvia equações mentalmente. Uma coisa só bastava para arruinar-lhe o prestígio e ela fazia as duas!” (Albuquerque 1936, 141).

O misto de medo e fascínio que Tenório nutria pela mulher alemã reproduzia o que os próprios integralistas pensavam da mulher. Apesar de incentivar a militância política feminina, o integralismo se atinha a uma concepção tradicional do papel da mulher, acreditando que ela só encontrava “a verdadeira esfera de função adequada ao sexo e aos seus deveres cristãos no desempenho de funções do lar e da família” (Gonçalves e Simões 2012, 65, 80).

Enquanto em outros livros o autor denuncia os excessos do imperialismo britânico (Lima 2016, 186), neste ele lamenta que a Alemanha tenha sido privada de suas colônias pelo Tratado de Versalhes. Ele parece ignorar o fato de que os interesses alemães eram tão imperialistas quanto os ingleses, e que os alemães também cometeram atrocidades coloniais:

Em consequência do tratado de Versalhes, a Alemanha perdeu todas as suas colônias, que foram distribuídas entre os vencedores. Foi terribilíssimo, o golpe desferido contra a indústria alemã. Ao mesmo tempo que os Aliados exigiam da Alemanha uma elevadíssima contribuição de guerra, a título de indenização, forçavam a paralisação das suas indústrias pela inexistência de matéria prima (Albuquerque 1936, 183).

O autor pondera: “Apesar de tudo, a Alemanha continua a lutar com a necessidade de importar matéria prima. Reapossar-se de suas antigas colônias, é questão de interesse vital para a Alemanha. Ela tardará muito a ver a consecução de seu objetivo?” (Albuquerque 1936, 184).

Comentando o entusiasmo de Gustavo Barroso com o nazifascismo, Antônio Rago Filho observa que “para Barroso não há sequer uma suspeita da natureza ontológica do fascismo como um *nacionalismo imperialista* intimamente colado à expansão econômica dirigida pelo grande capital”. Posteriormente, Miguel Reale, outra importante liderança integralista, explicaria que esse entusiasmo com o nazifascismo era real, mas que, na época, não se percebia que o fascismo tomava contornos imperialistas (Rago Filho 1989, 254-256).

Pode-se questionar até que ponto esse caráter expansionista do nazi-fascismo era de fato ignorado pelos integralistas e até que ponto ele não era apenas silenciado. A seletividade sempre foi um traço marcante das leituras que os integralistas faziam dos fascismos europeus.

Talvez uma das maiores consequências que a estadia na Alemanha trouxe para a vida de Tenório tenha sido motivá-lo a ingressar na AIB. Ele explica essa decisão no

último capítulo do livro, intitulado “O nazismo na Alemanha e o integralismo no Brasil”. Diz o autor que a produtividade e a boa-vontade de um povo não eram suficientes para se reerguer uma pátria: “É imprescindível orientá-lo. O melhor, mais aperfeiçoado veículo não conseguirá mover-se bem, não será prestadio se lhe não derem um bom condutor” (Albuquerque 1936, 203).

O povo brasileiro, assim como o alemão outrora, era carente de um braço forte a guiá-lo. O movimento brasileiro que mais se assemelhava ao nacional-socialismo nesse intento de guiar a massa era o integralismo:

Compreendi, então, a necessidade do Brasil, de minha Pátria, também dispor de um partido nacional operante, reconstrutivo, formador de caracteres, em que todos cooperem para a consecução dos ideais da comunidade, em que o altruísmo aniquile o individualismo, cujos componentes não sejam suxores dos esforços dos companheiros; um partido isento de homens que façam dele o pedestal humano para o seu exibicionismo mórbido.

Em Berlim, pensei, então, no Integralismo. A Pátria distante encenou-se-me [sic] em todo o esplendor de sua magnificência, diante dos meus olhos. Vi os integralistas, camisa verde, a cor das nossas deslumbrantes florestas, na beleza incomparável do seu tropicalismo. Homens tenazes, que não retrocedem, que sonham com um Brasil grandioso, que não se abatem diante das perseguições dos morubixabas que carnavalizaram a administração brasileira! Homens que estão em uma luta de ideais e não querem efusão de sangue!

E regressei ao Brasil com a convicção de que um dever patriótico imperioso, irrecorrível, determinava a minha adesão ao Integralismo (Albuquerque 1936, 205).

Um ano antes de a AIB ser dissolvida pelo Estado Novo, o autor demonstrava otimismo quanto ao futuro: “O Nazismo foi um núcleo diminuto, combatido a princípio, mas não lhe faltou tenacidade para desenvolver-se, agigantar-se e assumir o governo da Alemanha. Por que o Integralismo não há de ser também o fator do engrandecimento de nossa Pátria?” (Albuquerque 1936, 206).

A *Allemanha grandiosa* teve uma acolhida favorável na imprensa brasileira. Edição do jornal carioca *A Noite* de janeiro de 1937 descreve-a como uma obra na qual se sente “o tumulto vital da nação nos índices numéricos de suas indústrias, no ímpeto das correntes políticas, a riqueza dos padrões intelectuais”. Apesar do título, a obra não é “um hino de louvor ao país visitado”, pois o autor escreve “com base no senso de informação” (*A Noite* 1937, 10).

A *Gazeta de Notícias*, veículo reconhecidamente germanófilo, noticiou em outubro de 1936 que Tenório, após voltar da Europa, estava fazendo, a convite do Clube Universitário do Rio de Janeiro, várias conferências sobre sua experiência na Alemanha que contavam com a presença do embaixador alemão (*Gazeta de Notícias* 1936, 07). Tais conferências também foram noticiadas pelo *Jornal dos Sports*, que destacou a importância do evento para expor “aspectos inéditos da grandiosidade da Alemanha atual, que Adolpho Hitler reorganizou” (*Jornal dos Sports* 1936, 02).

Em dezembro do mesmo ano, a *Gazeta* publicaria uma resenha afirmando que o livro demonstra como o nazismo tornou a Alemanha poderosa e respeitada. A obra

seria um “veemente livro de combate ao comunismo destruídos [sic] e ao judaísmo corruptor”, mostrando “que nos devemos prevenir contra os judeus e os bolchevistas”. Ainda segundo a resenha, sua primeira edição estava quase esgotada e os direitos autorais foram vendidos a Otto Uhle para publicação em alemão, francês, italiano, espanhol, inglês e japonês (*Gazeta de Notícias* 1936, 10).

O *Diário da Noite* publicou uma pequena nota que descreve a obra como “Um livro interessante, movimentado, minucioso”. Recomenda-se o livro mesmo para aqueles que não eram simpáticos ao nazismo, “pois nos dá uma visão perfeita do que é a grande nação do Velho Mundo”, além de ser uma reportagem “viva, sincera” e um livro “instrutivo e agradável à leitura” (*Diário de Notícias* 1937, 03).

Porém, o livro também despertou repulsa. O autor de uma resenha publicada no *Jornal do Brasil* observa que Tenório foi “inteiramente seduzido pelo nazismo”, desposando “sem demora, os entusiasmos sectários de Hitler” e terminando por defender as ideias integralistas. Ao ler a dita obra, “imaginaríamos que a Alemanha chegou a uma verdadeira idade de ouro”. O autor da resenha diz que também esteve na Alemanha, mas teve impressão antagônica: “quanta coisa subterrânea pude auscultar e sentir! Quanta inquietação surda, quanta insatisfação esmagada pude [ilegível]! Quanto desespero que nem sequer se pode traduzir num grito, porque a manopia precavida dos soldados de Hitler é eficaz e imediata!”. Tenório, “fechado em suas tendências integralistas”, “Nada disso viu, nada disso quis acaso ver”. Depois que a Alemanha se livrar de Hitler, “o escritor brasileiro poderá nitidamente ver o quanto foi ingênuo o transbordante entusiasmo que o colheu na sua viagem à Alemanha” (*Jornal do Brasil* 1937, 12).

HITLER

Uma das pessoas às quais Tenório dedica a obra *Hitler*: sua personalidade através de várias opiniões (1937), é o senhor Schmidt Skolp, “respeitosa homenagem de um sincero admirador de sua Pátria” (Albuquerque 1937, 5). É possível que Schmidt Skolp seja Artur Schmidt-Elskop, ministro alemão no Rio de Janeiro com quem Gustavo Barroso travara contato em busca de materiais a respeito do nacional-socialismo e de Hitler (Hilton 1977, 33-34).

A despeito do subtítulo da obra (“sua personalidade através de várias opiniões”), o livro não é uma coleção de frases e relatos de terceiros sobre o *Führer*. Quase todas as opiniões expostas parecem ser as do próprio autor. Tenório abre seu relato exaltando a sintonia entre o nacionalismo e o século XX:

É ainda cedo em demasia para estudar-se com segurança, a personalidade de Adolpho Hitler e o seu governo. Pode-se, porém, asseverar, desde já, que o “führer” ocupa um lugar primacial entre as grandes figuras mundiais do momento que passa. Hitler, Mussolini e Mustaphá Kemal formam uma trindade admirável de reconstrutores de nacionalidades, de

dirigentes excepcionais que arrancaram os seus países do cairel de um abismo para restaurá-los surpreendentemente (Albuquerque 1937, 7).

Aqui vemos a identificação entre o nacionalismo nazifascista e o nacionalismo das nações mais pobres, como sem ambos fossem parceiros na mesma empreitada.

É também logo no início do livro que Tenório deixa claro o que mais admira em Hitler:

Hitler realizou uma obra prodigiosa. Em quatro anos de governo, ele reorganizou a Alemanha, arrancando-a das garras terríveis do bolchevismo, expeliu do território nacional, todos os soldados estrangeiros, saneou o país financeira, moral e politicamente e restaurou-lhe o prestígio internacional. A Alemanha, tornada inerme pelo absurdo Tratado de Versalhes, fora inferiorizada, relegada para uma posição secundária. Hitler reergueu-a e reconquistou para ela a sua antiga posição entre as maiores potências e, agora, vemo-la predominar, ser respeitada, prevalecer os seus conceitos, impor-se, pela sua força moral e pela sua força militar, que já começa a ser desvendada (Albuquerque 1937, 9).

Tenório não mede esforços para construir um mito em torno de Hitler:

Hitler trabalha infatigavelmente. Horas e horas, ele permanece no seu gabinete, estudando, traçando planos. Está ao par de tudo. Conhece a situação de todas as organizações.

É um homem simples, inclusive no tajar. No mais das vezes, está fardado, ou com uniforme militar ou com a camisa kaki do nazismo. Fala com todos, envolve-se no ambiente dos operários, palestra com eles.

É um homem popularíssimo e que sabe aumentar a sua popularidade e consolidar o seu prestígio (Albuquerque 1937, 111-112).

Tenório demonstra amplo conhecimento da obra *Minha Luta (Mein Kampf)*, misto de autobiografia de Hitler e catecismo nazista. Ele endossa a interpretação racial que Hitler dava à questão social:

Foi em Vienna, que Hitler se tornou antisemita, contemplando a miséria do povo explorado pelos judeus. Na capital austríaca, ele comprou os primeiros folhetos de propaganda anti-judaica que leu. Tomou-se do intento de estudar a fundo a questão, da luta contra os judeus, já iniciada em Vienna, em 1873, pelo Dr. Lueger, fundador do partido social-cristão. Verificou a influência nefasta dos judeus em todos os círculos de atividades, os seus métodos de ação, a sua voraz ganância. Reconheceu que, exploradores como são, vivendo unicamente para ganhar dinheiro, mediante processos que, em geral, aos outros repugnam adotar, os judeus são prejudiciais, altamente prejudiciais às coletividades, em benefício das quais é indispensável reduzir-lhes as atividades. É um povo que sabe infiltrar-se através de toda a Humanidade, com o fim de obter benefícios para a sua raça, embora com sacrifício das demais (Albuquerque 1937, 69).

É curioso como alguns dos aspectos de Hitler que Tenório mais admirava eram justamente os mais repudiados pelo chefe nacional da AIB, Plínio Salgado. Hitler é descrito como “ídolo do povo alemão, um semideus”, visto por todos como “reconstrutor

da Alemanha, o ‘Salvador da Pátria’, o homem excepcional que reergueu a Alemanha e fê-la não só reconquistar o seu prestígio internacional como ser mais respeitada do que nunca” (Albuquerque 1937, 10).

Dois anos antes, o chefe nacional da AIB escreveria, em sua carta de natal publicada no jornal *A Ofensiva*:

É o caso da perigosa tendência pagã do hitlerismo, fenômeno que deve impressionar fundamentalmente a consciência espiritual dos povos. [...] Chegará a Alemanha a essas loucuras? Não o sabemos. Apenas verificamos as consequências de um misticismo transportado do campo religioso, onde sempre deveria estar e de onde nunca deveria sair, para o campo das atividades políticas, isto é, à concepção do Chefe, como um homem diferente dos outros, um semideus, terminando na própria encarnação de Odim, e a concepção de seus adeptos como seres inumanos, super-religiosos, porém que, sem um fundamento cristão, ultrapassaram a linha hipócrita do velho puritanismo, atingindo o outro extremo, onde a explosão de todos os recalques acaba manifestando-se como negação da virtude (Salgado 1950, 54-55).

Salgado tinha uma visão de Hitler e do nazismo que era compartilhada pelo clero brasileiro à época. Os setores eclesásticos admiravam o empenho do Terceiro Reich em sua luta contra o liberalismo, o comunismo e a maçonaria. Porém, essa admiração esbarrava em acusações de paganismo e anticristianismo. É o que escrevia, em 1937, o padre Everardo Guilherme:

O nazismo nacional proibiu a maçonaria, mas prendeu as crianças católicas na mesma cadeia, expulsando os religiosos e professores católicos. Não é mentira dizer que os católicos na Alemanha compraram nabos em saco com sua concordata e é justamente isto que obriga a ponderar bem os atos dos chefes integralistas. As circunstâncias na Alemanha e no Brasil são diferentes, daí a diferença na apreciação e na aplicação do fascismo, porém a origem da doutrina é a mesma Itália, com o seu chefe Mussolini. Entretanto, há esperança e possibilidade de que o integralismo seja aplicado num sentido leal a respeito da liberdade da religião e da Santa Madre Igreja (Guilherme 1937, 100-101).

Oscar Mendes, em artigo publicado na coletânea organizada pelo padre Everardo Guilherme, faz denúncias semelhantes: “No seu ódio aos católicos e a qualquer religião, dizem que [Hitler] já estabeleceu um dilema para o cidadão alemão: ou Cristo, ou Hitler” (Mendes 1937, 242-243).

A revista franciscana *Vozes de Petrópolis*, apesar de seus pontos de vista antissemitas, era contrária ao antissemitismo nazista, tendo enrijecido sua posição após a Noite dos Cristais⁴. Outra importante publicação católica, *A Ordem*, diferenciava o que eles chamavam de uma justa perseguição à religião judaica do antissemitismo anticatólico presente em muitos países europeus. Em 1933, o Centro Dom Vital já expressava seu repúdio ao nacional-socialismo (Ben-Dror 2007, 230, 235, 236).

⁴ Incidente que se deu em novembro de 1938, quando as SA e civis alemães depredaram cemitérios, casas, sinagogas e estabelecimentos judeus.

Mesmo um declarado antissemita como Gustavo Barroso por vezes media o rigor antissemita de seu discurso. Para ele, enquanto o fascismo italiano teria uma concepção de Estado “cesariana, anticristã” e o Estado nazista seria pagão, pois baseava-se “na pureza da raça ariana, no exclusivismo racial”, “O Estado Integralista é profundamente cristão, Estado forte, não cesarianamente, mas cristãmente” (Barroso 1936a, 17).

Revestido da imagem de pagão, autoritário e anticristão, Tenório apresentava Hitler de forma mais aceitável ao público brasileiro:

Hitler não quis lutar contra a Igreja Católica. Os inimigos de Hitler, para impopularizá-lo entre os católicos, espalharam a balela de que era inimigo do catolicismo. Há, porém, uma prova em contrário concludente. No verão de 1925, Hitler separou-se do general Ludendorff porque não quis lutar contra a Igreja Católica (Albuquerque 1937, 46).

Talvez o maior equívoco de Tenório e de tantos outros intelectuais brasileiros que admiravam o Terceiro Reich foi subestimar o teor exclusivista do nacional-socialismo. Não se tratava apenas de ódio ao judeu. Tratava-se, também, de uma crença inabalável na superioridade ariana diante das demais “raças”. Àqueles que fossem alheios à “raça eleita”, a narrativa nazista não prometia nada além da morte. Elucidemos essa questão recorrendo aos conceitos antitéticos assimétricos de Reinhart Koselleck. Explica Koselleck que conceitos antitéticos assimétricos “determinam uma posição seguindo critérios tais que a posição adversária, deles resultante, só pode ser recusada” (Koselleck 2006, 195). O par oposto “bárbaro X heleno”, na Antiguidade, reunia conceitos antitéticos assimétricos: um bárbaro jamais poderia virar heleno. Já o par oposto “bárbaro X cristão”, apesar de assimétrico, não é antitético, pois a salvação em Cristo poderia ser estendida a qualquer um.

Para o nazismo, a oposição “ariano X judeu” era apenas parte de outra oposição mais ampla: “ariano X não-ariano” – pares antitéticos assimétricos. No nazismo, “o judeu não é simplesmente uma raça ruim, um tipo defeituoso: ele é o anti-tipo, o bastardo por excelência” (Lacoue-Labarthe e Nancy 2002, 52-53). Por isso a luta contra ele era mais urgente do que contra outros povos. Alfred Rosenberg, um dos mais importantes ideólogos nazistas, dizia que, em um mundo dominado pelos nazistas, o embate entre arianos e os demais povos seria inevitável (Bertonha 2000, 106, 109). Rosenberg dizia ainda que todo o estrangeiro deve ser rejeitado e, se preciso, combatido, já que ele seria um elemento destrutivo para o espírito ariano (Rosenberg in Weber 1964, 155).

Entretanto, Tenório insistia que “A luta em que Hitler se empenhou contra o comunismo é de uma transcendência universal”. O nacional-socialismo se universalizaria pelo anticomunismo:

Os decisivos dias do ano de 1933 assinalaram, na Alemanha, um original espetáculo histórico: o choque de duas revoluções, de um ressurgimento e de uma rebelião, cujo poderoso encontro esmagou e destruiu a antiga forma de Estado. A nação saiu vitoriosa no combate. Não havia contendido somente pela sua liberdade e pelo seu futuro, tinha sido, também, a salvação das nações do Ocidente, ameaçadas pelo bolchevismo dissolvente,

barbarizador, brutal, cruel, selvagem. A Internacional Comunista sofreu, na Alemanha, uma derrota decisiva. A Revolução Mundial (?) ficou destruída. Na Alemanha, devia começar a ofensiva da Internacional; na Alemanha, ela encontrou o seu fim prematuro. A ascensão de Hitler ao Poder determinou a derrota esmagadora do comunismo (Albuquerque 1937, 59-60).

O autor destaca três grandes instituições criadas pelos nazistas: Die Deutsche Arbeitsfront, Kraft durch Freude e Winterhilfe.

O *Deutsche Arbeitsfront* seria importante para promover “a extinção completa da aristocracia, do regime de classes sociais”. Sua fórmula principal seria aquela consagrada por Gottfried Feder⁵ no Programa do NSDAP (Partido Nazista): *Gemeinnutz vor Eigennutz*, (bem comum acima do bem individual). Isso significava que “O indivíduo deve procurar beneficiar-se mas beneficiando os demais, pelo menos sem atentar contra os direitos de terceiros” (Albuquerque 1937, 104).

Já sobre a *Kraft durch Freude*, lemos que seu dever é “desenvolver-lhes [aos trabalhadores] o físico para aumentar-lhes a capacidade produtora e também modificação das normas e formas de sociedade ainda existentes, em desacordo com o programa do NSDAP”. O Estado deveria mitigar as tensões de classe: “O trabalhador alemão sente-se feliz, porque sabe que não é explorado pelo patrão e porque se vê amparado pelo Estado, que impossibilita as injustiças e ainda se interessa pelo seu físico, pelas suas condições de saúde” (Albuquerque 1937, 106-107).

Por fim, Tenório escreve que o *Winterhilfe* busca “amparar os necessitados no período de inverno, fornecendo-lhes elementos para combater os rigores do frio. É, portanto, uma instituição humanitária” (Albuquerque 1937, 108). O *Winterhilfe* “não seleciona os necessitados, para socorrer uns e abandonar outros. Basta dizer-se que, no ano passado, foram amparados, nada menos de 29.108 judeus, dos quais 13.818 somente em Berlim” (Albuquerque 1937, 110).

Pode causar-nos espécie a facilidade com que o autor acreditava na possibilidade de qualquer bondade nazista para com os judeus. No entanto, muitos alemães subestimaram o antissemitismo nazista (Lange 2007, 297). Até Victor Klemperer, judeu alemão que presenciou o nazismo, dizia que, pouco tempo depois que Hitler subir ao poder, muitos relativizavam seu antissemitismo:

Uma obsessão me perseguiu durante anos: será que eu não superestimava o papel do antissemitismo no sistema nazista, já que essa questão me toca pessoalmente? Não, eu não superestimava. Hoje percebo que o antissemitismo foi o aspecto central do nazismo, um fator decisivo sob qualquer ponto de vista (Klemperer 2009, 217).

⁵ Gottfried Feder foi figura de proa do NSDAP nos anos 1920. Seu livro *As Bases do Nacional-socialismo* figurava entre as leituras obrigatórias indicadas pelo *Monitor Integralista* (Cavalari 1999, 110). Naquele ano de 1937, porém, Feder já estava marginalizado no jogo político do Terceiro Reich porque sua postura anticapitalista ameaçava o apoio dos industriais alemães do qual os nazistas tanto dependiam.

O tema da expansão imperialista alemã, já tratado em *A Alemanha Grandiosa*, volta à tona na obra de 1937. Suas opiniões não mudam. Ele justifica a expansão alemã sob o argumento de que o país fora saqueado após a Grande Guerra:

[A Alemanha] não é e não pode ser um país essencialmente agrícola, pela escassez de território. Na indústria é que está a maior fonte de riqueza alemã, mas para incrementar a indústria, é imprescindível a matéria-prima, que ela recebia de suas colônias, por preços convenientes. Agora, é forçada a adquirir as matérias primas em outros países que, temerosos da concorrência e por outras razões, a abastecem por preços altos, encarecendo-lhe a produção.

A Alemanha, para seu desenvolvimento, necessita de colônias. Hitler não oculta o desejo de reconquistá-las. Conseguirá, ele que vem realizando todo o seu programa? (Albuquerque 1937, 92).

Se a Alemanha era um país industrial, o Brasil teria uma vocação agrária. Aqui o autor insiste num ponto que já havíamos abordado no artigo anterior (Lima 2016, 189): a crítica ardente ao bacharelismo. E retoma-o com a mesma acidez e humor de antes. Diferente do sistema educacional alemão, voltado a necessidades práticas, a educação no Brasil teria uma preocupação excessivamente especulativa:

O novo regime extinguiu o analfabetismo na Alemanha e deu nova orientação ao ensino, mais moderna, mais consentânea com as necessidades do país e de acordo com o programa reformista do Partido Nacional Socialista.

Aqui, um país essencialmente agrícola, cuja riqueza está no solo, há o vício enraizado da bacharelização, a doutomania. Há aqui, a preocupação de ostentar um anel de grau e de poder ornamentar o nome com um Dr. É curioso observar-se como alguns capricham no Dr., embora errem ao grafar o próprio nome. Existem até senhoras que, ridiculamente, tratam os maridos por... Doutor. Com frequência, nas repartições públicas, somos atendidos por um... bacharel. Ele fez o sacrifício de passar 6 anos em uma academia para acabar fossilizando-se como funcionário público. De que lhe serve o anel, senão como atestado de incapacidade para exercer a sua profissão legítima?

Num país essencialmente agrícola como o nosso, diminuta é a porcentagem dos que se dedicam à agronomia. Preferem ser advogados sem causa, engenheiros sem construções e médicos sem clientes (Albuquerque 1937, 113-114; grifos originais).

Diante da obra restauradora que os nazistas estariam operando na Alemanha, Tenório conclui que o Brasil precisava de algo semelhante: “Hitler organizou o Partido Nacional Socialista e reorganizou a Alemanha, como o Integralismo reorganizará o Brasil” (Albuquerque 1937, 117).

Ao “revelar” ao público brasileiro a importância do nacional-socialismo no combate a inimigos ocultos, Tenório apresenta todos os traços de um típico “intelectual-herói”. Esses traços são: “o narcisismo ou o chamado ‘Complexo de Dora’”; a habilidade de se apresentar “ao público como a resistência hercúlea diante de forças malignas e poderosas, sejam elas conhecidas ou ocultas”; a denúncia de uma ordem liberal que se transformou “no álibi preferido para que eles mesmos surgissem como denunciadores

e libertadores”; uma “ vaidade exagerada” que os faziam se portar como se exercessem “uma tarefa injusta e que muitos não reconheciam seus esforços, pois lutavam contra forças poderosas”. Dessa maneira, “enquanto a maioria da sociedade era manipulada e conduzida sem perceber pelo caminho da destruição, eles, os intelectuais-heróis, denunciavam e combatiam os inimigos” (Costa 2015, 56-57).

Em abril de 1937, a *Gazeta de Notícias* publicou uma resenha sobre *Hitler* na qual se lê que o livro chama atenção “pelo conteúdo e ilustrações, tudo referente ao momento político e à figura daquele vigoroso representante do povo germânico” (*Gazeta de Notícias* 1937, 10). O *Diário de Pernambuco* também publicaria uma resenha, embora mais descritiva que entusiástica, dizendo que Tenório discorre “demoradamente sobre a formação da personalidade de Hitler, a evolução de seu pensamento político-social, os fatos que mais assinalaram sua atuação e, por fim, a obra realizada pelo chanceler, ou antes, pelo nazismo”. Tratando de problemas políticos, sociais, religiosos, raciais econômico-financeiros e de segurança nacional, o Tenório evidenciava “a maneira como o nazismo os resolveu ou está ainda a resolver” (*Diário de Pernambuco* 1937, 1).

Em 1938, Tenório publicava, na *Revista da Semana*, um intrigante e enigmático artigo no qual fica ainda mais patente o fascínio que Hitler exercia sobre ele. Para ele, Hitler era “o homem do momento”, estando a paz mundial “condicionada à vontade do ex-pintor nascido em Braunau”. Em seguida, Tenório demonstra diversas ocasiões nas quais o número 13, tido como agouro, aparecia na vida do líder alemão, como por exemplo: nasceu em 1889, sendo que $1+8+8+9 = 26$ e $13 \times 2 = 26$; o sobrenome de seu pai era Schicklgruber, palavra de 13 letras, entre outras coincidências. O artigo trazia várias fotos de Hitler em diferentes momentos da vida, inclusive quando ainda era bebê, sendo descrito pelo autor como “criança bochechuda, morena e simpática” (Albuquerque 1938, 32).

LIMITES E POSSIBILIDADES DO DISCURSO DE TENÓRIO DE ALBUQUERQUE

No imaginário de nosso autor, a Alemanha nazista representava uma promessa de paz para o mundo, pois freara o comunismo. Entretanto, Hitler nunca foi um amante da paz e o nacional-socialismo tinha até uma compulsão pela destruição. A ideia de cidades inteiras arrasadas se imprimiu de tal maneira na mente de Hitler que ele já não se chocava ao ver as próprias cidades alemãs bombardeadas (Canetti 2001, 196-197). Fascismo e guerra são, por isso, indissociáveis, de modo que “Fazer da guerra uma condição preliminar de toda revolução interna, de todo condicionamento político e cultural das massas” é “uma originalidade dos regimes fascistas” (Azéma 1996, 416).

Ademais, o nacionalismo era fonte, ao mesmo tempo, de solidariedade e disputa entre as matrizes fascistas italiana e alemã (Bertonha 2000, 106, 109; Morgan 2003, 168-171). É difícil imaginar nacionalistas brasileiros se beneficiando em um mundo

dominado pelos nazistas, já que relacionamento entre regimes e movimentos fascistas “gira em torno da competição nacionalista e da solidariedade/competição ideológica”, mas, no limite, “acaba conduzindo ou a conflitos inadmissíveis ou à subordinação de um pelo outro” (Bertonha 2000, 112).

Sendo assim, a crença de Tenório de que Brasil e Alemanha faziam parte de um mesmo bloco de nações oprimidas lutando contra os judeus nunca se sustentou na prática. Mesmo Hitler ridicularizava esse raciocínio em seu livro:

Já nos anos de 1920/1921, quando o movimento nacional socialista começava lentamente a se elevar no horizonte político e já era considerado um movimento de libertação da nação alemã, o Partido foi abordado, por vários lados, por certos indivíduos, com o projeto de estabelecer-se entre o mesmo e *os movimentos de libertação de outros países* uma certa ligação, nos moldes há muito preconizados de “Aliança das nações Oprimidas”. Tratava-se sobretudo de representantes de Estados balcânicos, egípcios e indianos, que me davam sempre a impressão de presunçosos tagarelas, sem quaisquer elementos. Mas houve uns raros alemães, especialmente entre os nacionalistas, que se deixaram levar por aqueles enfatuados orientais e imaginaram que qualquer estudante indiano ou egípcio que aparecia era um genuíno “representante” do povo da Índia ou do Egito. [...] Eu sempre me defendi contra tais tentativas, não só porque tinha mais o que fazer do que perder semanas em “confabulações” estéreis, como também porque considerava, mesmo que se tratasse de representantes autorizados daquelas nações, tudo isso imprestável e mesmo pernicioso (Hitler 2005, 485).

Em fins do século XIX e princípios do XX, os embates entre a Alemanha e as tradicionais potências imperialistas costumavam ser interpretados como um compromisso com os povos oprimidos. Tal interpretação, evidentemente equivocada, pode ser atribuída à forma como os alemães se apresentavam. Em visita ao Império Otomano em 1898, por exemplo, Guilherme II proferiu um discurso no qual se colocava como grande amigo do sultão e dos 300 milhões de muçulmanos espalhados pelo mundo. Vitoriosa a revolução dos Jovens Turcos em 1908, o kaiser preservou seu aliado turco sob o argumento de frear o domínio franco-britânico (Obst 2011, 179; Wehler 2008, 1144-1145). Ademais, na Crise do Marrocos de 1904-1905, a Alemanha se colocou como protetora da soberania marroquina diante das pretensões francesas.

Já na Segunda Guerra, o líder indiano Subhas Chandra Bose e o palestino Haj Amin al-Husseini veriam, seja no Japão imperialista ou na Alemanha nazista, a oportunidade para a libertação de seus países do imperialismo. Nem sempre, porém, havia uma “simpatia pelo fascismo, embora o antisemitismo nazista pudesse atrair árabes palestinos em conflito com colonizadores sionistas, e alguns grupos no Sul da Ásia pudessem reconhecer-se nos arianos superiores da mitologia nazista” (Hobsbawm 2009, 172). Sendo assim: “En las áreas coloniales o semicoloniales del mundo [...] [o fascismo] fue recibido e interpretado de formas diferentes, sea como instrumento de la lucha anticolonial o, por el contrario, como refuerzo del poder estatal” (Bertonha e Bohoslavsky 2016, 12).

Em seus dois livros, Tenório de Albuquerque faz um panegírico à Alemanha de Hitler, exaltando-a por sua luta contra o comunismo, sua capacidade de se reerguer, seu compromisso com a paz, o fim da hierarquização entre trabalho manual e trabalho intelectual, a pacificação interna e o fim dos facciosismos políticos. Paralela à narrativa de sua experiência no país do nazismo, Tenório cria outra narrativa: a narrativa de sua adesão à AIB, certamente com o intuito de convencer seu leitor a fazer o mesmo.

Identificando a luta antisemita nazista com a luta anti-imperialista brasileira, Tenório via no renascimento alemão uma fonte de inspiração para a verdadeira independência política, econômica e cultural do Brasil. Assim como a Alemanha havia reconquistado sua liberdade com o nazismo, o Brasil conquistaria sua liberdade com o integralismo.

Tenório acha legítimas as pretensões imperialistas nazistas, como se em um mundo dominado pelo Terceiro Reich o Brasil fosse alheio a elas ou até mesmo um beneficiário. Aliás, essa parece ser justamente uma característica do discurso fascista que parte da periferia: o não se perceber como periferia.

REFERÊNCIAS

- A Noite. 1937. “Livros”. Rio de Janeiro, quinta-feira, 14 de janeiro: 10.
- Albuquerque, A. Tenório de. 1936. *A Alemanha Grandiosa: Impressões de Viagem ao País do Nazismo*. Rio de Janeiro: Editora Minerva.
- 1937. *Hitler: Sua personalidade através de várias opiniões*. Rio de Janeiro: Cia. Brasil Editora.
- 1938. “O número 13 na vida de Hitler”. *Revista da Semana*, ano XXXIX, nº. 42, 24 de setembro: 32.
- Azéma, Jean-Pierre. 1996. “A Guerra”. Em *Por uma história política*, editado por René Rémond, tradução de Dora Rocha, 440. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV.
- Araújo, Te, e Juvêncio Corrêa de Cel. 1942. Ofício datilografado em papel timbrado do Ministério da Guerra solicitando verificação de atividades antibrasileiras. 20 de julho. Em Arquivo Público Mineiro. Título: Arcy Tenório de Albuquerque, pasta: 5417, rolo: 095, junho 1942 – agosto 1949, documento 25. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/dops_docs/photo.php?numero=5417&imagem=2016> [acesso: 20 de novembro de 2015].
- Barroso, Gustavo. 1936a. *O Integralismo e o Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- 1936b. “Prefácio”. Em *A Alemanha Grandiosa: Impressões de Viagem ao País do Nazismo*, editado por A. Tenório de Albuquerque, s/p. Rio de Janeiro: Editora Minerva.
- 1937. *A Sinagoga Paulista*. 3ª edição revista e com acréscimos. Rio de Janeiro: Editora ABC.
- Ben-Dror, Graciela. 2007. “As Elites Católicas do Brasil e sua Atitude em Relação aos Judeus (1933-1939)”. Em *O Anti-Semitismo nas Américas: Memória e História*, editado por Maria Luiza Tucci Carneiro, 207-241. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
- Bertonha, João Fábio. 2000. “A Questão da ‘Internacional Fascista’ no Mundo das Relações In-

- ternacionais: a Extrema-direita Entre Solidariedade Ideológica e Rivalidade Nacionalista”. *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 43, nº 1: 99-118.
- 2004. “Integralistas e Pesquisadores do Integralismo: o Embate entre Memória e História”. Em *Integralismo: Novos Estudos e Reinterpretações*, editado por Rosa Maria Feiteiro Cavalari, Renato Alencar Dotta, Lídia Maria Vianna Possas, 155-166. Rio Claro: Arquivo do Município.
- Bertonha, João Fábio, e Ernesto Bohoslavsky. 2016. “Las derechas sudamericanas: trayectorias, miradas y circulación”. Em *Circule por la Derecha: percepciones, redes y contactos entre las derechas sudamericanas, 1917-1973*, editado por João Fábio Bertonha, Ernesto Bohoslavsky, 9-18. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento.
- Canetti, Elias. 2001. *A Consciência das Palavras: Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Carneiro, Maria Luiza Tucci. 1988. *O Antissemitismo na Era Vargas: fantasmas de uma geração, 1930-1945*. São Paulo: Brasiliense.
- 2012. “Metáforas roubadas à doença: particularidades do discurso racista.” Em *As Doenças e os Medos Sociais*, editado por Maria Luiza Tucci Carneiro, Yara Monteiro, 251-268. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo.
- Cavalari, Rosa Maria Feiteiro. 1999. *Integralismo: Ideologia e organização de um partido de massa no Brasil*. Bauru: EDUSC.
- Correio da Manhã*. 1933. “O conselho de julgamentos da Confederação Brasileira de Desportos negou a filiação pedida pela Liga de Profissionais”. Rio de Janeiro, sábado, 08 de abril, 11.
- Costa, Luiz Mário Ferreira. 2015. *Os “intelectuais-heróis” e as mitologias políticas contemporâneas: a história transnacional da produção intelectual de Alfredo Pimenta, Gustavo Barroso, Plínio Salgado e Rolão Preto*. Tese de doutorado em História – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.
- Coutinho, Renato Soares. 2010. “Pelo Brasil e pelo Flamengo: José Bastos Padilha e o projeto de construção de uma Nação”. Em *Anais do XIV Encontro Regional de História da Anpuh Rio: Memória e Patrimônio*, 1-10. Rio de Janeiro: NUMEM.
- Diário da Noite*. 1937. “Livros Novos”. Rio de Janeiro, 13 de janeiro, 03.
- Diário de Pernambuco*. 1937. “Letras e artes”. Recife, domingo, 06 de junho, 1, seção 2.
- Echeverría, Olga, e María Laura Reali. 2016. “Encuentros y disidencias políticas, ideológicas e historiográficas en los Revisionismos Rioplatenses (décadas de 1930 y 1940)”. Em *Circule por la Derecha: percepciones, redes y contactos entre las derechas sudamericanas, 1917-1973*, editado por João Fábio Bertonha, Ernesto Bohoslavsky, 65-91. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento.
- Gazeta de Notícias*. 1937. “Bibliographia”. Rio de Janeiro, 20 de abril, 10.
- Gazeta de Notícias*. 1936. “Mundanidades”. Rio de Janeiro, 07 de outubro, 07.
- Gazeta de Notícias*. 1936. “Um livro brasileiro traduzido para seis línguas”. Rio de Janeiro, 30 de dezembro, 10.
- Guilherme, Everardo. 1937. *Solidarismo e os Systemas Fascistas: Fascismo, Nacional-socialismo, Salazarismo, Integralismo, etc.* Rio de Janeiro: Ed. ABC.
- Gonçalves, Leandro Pereira, e Renata Duarte Simões. 2012. “Nem só mãe, esposa e professora: os múltiplos campos de atuação da mulher militante integralista”. Em *Ideias e Práticas Fascistas no Brasil*, editado por Natália dos Reis Cruz, 61-81. Rio de Janeiro: Garamond.
- Hilton, Stanley. 1977. *O Brasil e a Crise Internacional (1930-1945): cinco estudos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Hitler, Adolf. 2005. *Minha luta: Mein Kampf*. 5ª edição histórica. Tradução de Klaus Von Puchen. São Paulo: Centauro.

- Hobsbawm, Eric J. 2009. *Era dos Extremos*. 2ª edição. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Cia. Das Letras.
- Jornal do Brasil*. 1937. “Bibliografia”. Rio de Janeiro, domingo, 06 de junho, 12.
- Jornal do Commercio*. 1930. “A casa do soldado”. Rio de Janeiro, domingo, 09 de novembro, 10.
- Jornal do Commercio*. 1930. “Box”. Rio de Janeiro, sábado, 19 de julho, 12.
- Jornal do Commercio*. 1933. “Nota oficial n. 12/33”. Rio de Janeiro, segunda-feira, 17 e terça-feira 18 de abril, 6.
- Jornal dos Sports*. 1936. “A Allemanha Grandiosa”. Rio de Janeiro, 08 de outubro, 02.
- Klemperer, Victor. 2009. *LTI: A Linguagem do Terceiro Reich*, tradução de Miriam Bettina Paulina Oelsner. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Koselleck, Reinhart. 2006. *Futuro Passado: Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio.
- Lacoue-Labarthe, Philippe, e Jean-Luc Nancy. 2002. *O Mito Nazista. Testemunhos*. São Paulo: Iluminuras.
- Lange, Matthew. 2007. *Antisemitic Elements in the Critique of Capitalism in German Culture, 1850-1933*. Oxford et al.: Peter Lang.
- Lima, Marcelo Alves de Paula. 2016. “Triste Fim de Tenório d’Albuquerque: o Pensamento de um ex-Integralista no Estado Novo”. Em *Diálogos Latinoamericanos*, 1, 177-194, <<https://tidsskrift.dk/dialogos/article/view/112910/161630>>.
- Mendes, Oscar. 1937. “Os destruidores da Alemanha”. Em *Solidarismo e os Sistemas Fascistas: Fascismo, Nacional-socialismo, Salazarismo, Integralismo, etc.*, editado por Guilherme Everardo. 242-245. Rio de Janeiro: Ed. ABC.
- Morgan, Philip. 2003. *Fascism in Europe, 1919-1945*. London/New York: Routledge.
- Neves, Osias Ribeiro. 2009. *Tip Top: 80 anos*. Belo Horizonte: Escritório de Histórias.
- Obst, Michael A. (ed.). 2011. *Die politischen Reden Kaiser Wilhelms II. Eine Auswahl*. Paderborn: Ferdinand Schöningh.
- Prost, Antoine. 1996. “As Palavras”. Em *Por uma história política*, editado por René Rémond, tradução de Dora Rocha, 295-330. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV.
- Rago Filho, Antônio. 1989. *A Crítica Romântica à Miséria Brasileira: o integralismo de Gustavo Barroso*. Dissertação (mestrado em História). PUC-SP, Programa de Pós-Graduação em História, São Paulo.
- Ribeiro, Ivair Augusto. 2007. “O anti-semitismo no discurso integralista no interior de São Paulo: os discípulos de Barroso”. Em *O Anti-Semitismo nas Américas: Memória e História*, editado por Maria Luiza Tucci Carneiro, 351-377. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
- Saccomani, Edda. 1986. “Fascismo” (verbetes). Em *Dicionário de Política*, editado por Norberto Bobbio, Nicola Matteucci, Gianfranco Pasquino. Brasília: UnB.
- Salgado, Plínio. 1950. “Carta de natal e fim de ano”. Em *O Integralismo Perante a Nação*. 2ª edição, editado por Plínio Salgado, 51-58. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira.
- Silva, José Pereira. 1942. Documento datilografado, 7 de fevereiro. Ordem de serviço [Serviço de Investigações da Chefia de Polícia do Estado de Minas Gerais]. Em: Arquivo Público Mineiro. Título: Capitão Antônio Teixeira dos Santos, pasta: 2625, rolo: 037, data: janeiro 1938 – agosto 1942, documento 4. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/dops_docs/photo.php?numero=2625&imagem=1489> [Acesso: 20 de novembro de 2015].

- Skinner, Quentin. 2002. *Visions of Politics: regarding method*. V. 1. Cambridge/New York: Cambridge University Press.
- Sznajder, Mario. 2010. “Fascismo e Intolerância”. Em *Tempos de Fascismos: Ideologia – Intolerância – Imaginário*, editado por Maria Luiza Tucci Carneiro, Federico Croci. São Paulo: Universidade de São Paulo/Imprensa Oficial, Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Trindade, Héglio. 1974. *Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- Vieira, Newton Colombo de Deus. 2012. *Além de Gustavo Barroso: o antissemitismo na Ação Integralista Brasileira (1932-1937)*. Dissertação (mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Weber, Eugen. 1964. *Varieties of Fascism: Doctrines of Revolution in the Twentieth Century*. Princeton: D. van Nostrand.
- Wehler, Hans-Ulrich. 2008. *Deutsche Gesellschaftsgeschichte: Von der “Deutschen Doppelrevolution” bis zum Beginn des Ersten Weltkrieges, 1849-1914*. V. 3. München: Verlag C. H. Beck.

Artigo recebido: 29.05.2018

Artigo aprovado: 06.03.2019

| **Marcelo Alves de Paula Lima**: Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em História Econômica pela Universidade de São Paulo com bolsa FAPESP, pesquisando ideias nazistas e integralistas em perspectiva comparada. Foi pesquisador no Instituto de História Contemporânea de Munique com bolsa FAPESP e professor substituto do departamento de História da UFMG, ministrando disciplinas sobre antissemitismo no Brasil e ideias fascistas na América do Sul e Europa. Doutorando em História e Culturas Políticas na Universidade Federal de Minas Gerais com bolsa CAPES, pesquisando a política externa do regime militar brasileiro. Publicações: “A vingança do centauro: imperialismo e anti-imperialismo no pensamento integralista de Gustavo Barroso”. (Em *Tempos Históricos* 2014); “Triste Fim de Tenório d’Albuquerque: o Pensamento de um ex-Integralista no Estado Novo” (Em: *Diálogos Latinoamericanos* 2016). ORCID ID: <0000-0002-8993-0858>.